

ESTUDO TEÓRICO

O SOFRIMENTO MENTAL E A DOCÊNCIA DE ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM

DOI: 10.22289/2446-922X.V7N1A17

Bruna Aderita Cortez de Sena¹
Ana Izabel Oliveira Lima

RESUMO

As condições de vida e saúde dos trabalhadores foram impactadas diretamente pela reestruturação do mundo do trabalho. O aumento das exigências e a acumulação de trabalho tem levado os professores ao sofrimento, assim como os demais trabalhadores. Por isso, este artigo discorre sobre a psicodinâmica do trabalho e os estudos sobre o campo da educação que envolvam o sofrimento mental docente e sua relação com a enfermagem, relacionando-o às condições de trabalho e saúde dos professores. Objetiva-se apresentar uma análise ampliada dos achados de revisão no cenário da literatura nacional acerca do assunto, ancorada na teoria da psicodinâmica do trabalho e reflexões teóricas inseridas no diálogo. Trata-se de um estudo teórico de revisão sistemática com abordagem qualitativa, sobre o sofrimento mental em docentes de ensino superior em enfermagem para obtenção de conhecimentos produzidos na área. O sofrimento é abordado de diferentes formas na literatura e pode ter significado positivo ou negativo, tendo o trabalho como elemento estruturante dos efeitos negativos ou positivos sobre o funcionamento psíquico e a vida mental do trabalhador. Identificou-se, portanto, que a produção do trabalho docente em enfermagem pode adoecer essa classe profissional e requer estratégias defensivas elaboradas para a busca de soluções adequadas, visando a saúde mental desses trabalhadores.

241

Palavras-chave: Transtorno Mental; Docente; Enfermeiro.

MENTAL SUFFERING AND HIGHER EDUCATION TEACHING IN NURSING

ABSTRACT

The living and health conditions of workers were directly impacted by the restructuring of the world of work. The increase in demands and the accumulation of work has led teachers to suffer, as well as other workers. For this reason, the article discusses the psychodynamics of work and studies on the field of education that involve teaching mental suffering and its relationship with nursing, relating it to teachers' work and health conditions. The objective is to present an expanded analysis of the review findings in the context of national literature on the subject, anchored in the theory of psychodynamics at work and theoretical reflections inserted in the dialogue. It is a theoretical study of systematic review with a qualitative approach, about mental suffering in higher education teachers in nursing to obtain knowledge produced in the area. Suffering is approached in different ways in the literature and can have a positive or negative meaning, with work as a structuring element of negative

¹ Endereço eletrônico de contato: brunaacsena@gmail.com

Recebido em 20/01/2020. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 20/03/2021.



or positive effects on the worker's mental functioning and mental life. It was identified, therefore, that the production of teaching work in nursing can make this professional activity sick and requires defensive strategies designed to search for adequate solutions, aiming at the mental health of these workers.

Keywords: Mental Disorder; Teacher; Nurse.

SUFRIMIENTO MENTAL Y EDUCACIÓN SUPERIOR ENFERMERÍA

RESUMEN

Las condiciones de vida y de salud de los trabajadores se vieron directamente afectadas por la reestructuración del mundo del trabajo. El aumento de las demandas y la acumulación de trabajo ha hecho sufrir a los docentes, así como al resto de trabajadores. Por ello, en este artículo se analiza la psicodinámica del trabajo y los estudios en el campo de la educación que implican la enseñanza del sufrimiento mental y su relación con la enfermería, relacionándolo con el trabajo y las condiciones de salud del profesorado. El objetivo es presentar un análisis ampliado de los hallazgos de la revisión en el contexto de la literatura nacional sobre el tema, anclado en la teoría de la psicodinámica en el trabajo y reflexiones teóricas insertadas en el diálogo. Se trata de un estudio teórico de revisión sistemática con enfoque cualitativo, sobre el sufrimiento mental en docentes de educación superior en enfermería para la obtención de conocimientos producidos en el área. El sufrimiento se aborda de diferentes formas en la literatura y puede tener un significado positivo o negativo, con el trabajo como elemento estructurador de efectos negativos o positivos sobre el funcionamiento mental y la vida mental del trabajador. Se identificó, por tanto, que la producción de trabajo docente en enfermería puede enfermar a esta clase profesional y requiere de estrategias defensivas diseñadas para buscar soluciones adecuadas, apuntando a la salud mental de estos trabajadores.

242

Palabras clave: Trastorno Mental; Profesor; Enfermero.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre homem e trabalho ao longo do tempo vem se tornando cada vez mais complexa, modificando os determinantes do processo saúde-doença (Bahia, 2014). A humanidade se desenvolve e se transforma através do trabalho, e as novas possibilidades para esta são desenvolvidas pelo despertar de suas próprias potencialidades. Para isso, é necessário que o saber seja transmitido às novas gerações através da figura do professor, que assumiu a tarefa da transmissão de um conhecimento já produzido pelo homem (Tostes et al., 2018).

A introdução de inovações tecnológicas ao longo da história, com novas exigências de conhecimento e qualificação profissional para os trabalhadores, exigiu um novo perfil do trabalhador – disciplinado, flexível, polivalente e competitivo, com ritmo de trabalho mais acelerado. Somado a esse perfil, esse profissional depara-se com as consequentes transformações educacionais, com priorização do aprendizado da eficiência, produtividade e racionalidade, adequando-se à nova



realidade, proporcionando intensas consequências sobre as condições de vida e de trabalho do professor (Souza & Leite, 2011; Tostes et al., 2018).

A competição e a produtividade exasperada caracterizam a organização de trabalho universitário na atualidade e afetam as atividades de docência (Bernardo, 2014). Com a transformação da Coordenação de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) em 1992, a pós-graduação e a pesquisa passaram a ser o foco de avaliação do trabalho docente, sendo fundamentada em dados quantitativos de produtividade, como número de publicações, número de orientações, horas-aula e conclusão de mestrados e doutorados (Bernardo, 2014 como citado em Bosi, 2009). A produtividade está destinada a atender com agilidade as permanentes transformações (Albuquerque et al., 2018).

Como consequência, o que prevalece é a busca por baixo custo e alta produtividade, com redução do quadro de profissionais, aumento proporcional de alunos por sala de aula e carga de trabalho elevada com depreciação das condições de trabalho e qualidade de vida dos professores (Silva & Pinheiro, 2017).

Os riscos relacionados ao ambiente de trabalho estão conectados ao processo saúde-doença para a psicologia das organizações de trabalho, e estes são chamados de riscos psicossociais (Jacinto & Tolfo, 2017). Tais aspectos indicam que a política universitária da atualidade interfere na identidade profissional do docente. O aspecto psicossocial pode relacionar-se ao individualismo e à competitividade acentuada. Portanto, as características atuais da universidade levam os docentes a vivenciarem a chamada “precariedade subjetiva”, que envolve um sentimento de precariedade pelos assalariados ao serem confrontados com exigências de trabalho cada vez maiores e a permanente preocupação em possivelmente não atendê-las, caracterizando assim um sentimento de isolamento e abandono que se registra na relação com o trabalho moderno (Bernardo, 2014 como citado em Linhart, 2009), afetando seu bem-estar, saúde e qualidade de trabalho.

Essa visão capitalista do produtivismo acadêmico desregula as relações de trabalho, enquanto isso, diminui-se a valorização do professor e ao mesmo tempo faz crescer a cobrança, ele passou a assumir uma série de funções, o que o sobrecarregou e o desqualificou, influenciando negativamente sua saúde (Tostes et al., 2018). Por isso, na sociedade contemporânea, a docência é uma das profissões mais estressantes, segundo a Organização Internacional de Trabalho (OIT) (Souza & Leite, 2011).

Desde 2004 os transtornos mentais relacionados ao trabalho foram definidos pelo SUS (Sistema Único de Saúde) como agravos de notificação compulsória e que esta deve ser feita no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) para todos os trabalhadores, independentemente do tipo de vínculo empregatício (Bahia, 2014). Nesse contexto, segundo o Boletim Epidemiológico de Transtornos Mentais Relacionados ao Trabalho no Brasil entre os anos



de 2006 a 2017, conforme publicado em 2019 no SINAN, 8.474 casos de transtornos mentais relacionados ao trabalho foram registrados em todo o Brasil (Bahia, 2019).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 30% dos trabalhadores são acometidos por transtorno mental comum. Segundo o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), os transtornos mentais são a terceira principal causa de benefícios previdenciários para trabalhadores formais (Jacinto & Tolfo, 2017). No caso do professor, principalmente por conviverem em seu ambiente de trabalho com o conflito habitual entre o que é determinado a fazer, o que desejam fazer e o que realmente é possível fazer diante das dificuldades, das condições e organização desse trabalho (Vieira, 2014).

Os Transtornos Mentais Comuns, expressão criada por Goldberg e Huxley em 1992, são caracterizados por sinais e sintomas como modificações do humor, irritabilidade, insônia, fadiga, esquecimento, dificuldade de concentração, agressividade e queixas psicossomáticas, sinais de que as tentativas de equilíbrio do trabalhador não estão sendo efetivadas (Jacinto & Tolfo, 2017).

Os transtornos mentais são comuns e impactam a vida laboral e social dos indivíduos, repercutindo em seu bem-estar. Por isso a associação do trabalho com transtornos mentais é alvo de muitos estudos. Entretanto a conexão ocupacional desses agravos é pouco pesquisada, reconhecida e registrada. Elas vêm sendo apresentadas há séculos, mas até hoje é objeto de inseguranças e conflitos (Bahia, 2019).

244

O estudo de Jacinto e Tolfo (2017), verificou que as populações com maiores fatores psicossociais de risco à saúde e com maior prevalência de Transtorno Mental Comum (TCM) são docentes e profissionais de saúde, incluindo o enfermeiro.

A relação do sujeito com a organização de trabalho pode levar ao prazer ou ao sofrimento, de acordo com a subjetividade imposta às vivências laborais. As atuais características do trabalho do professor universitário podem levá-lo a um paradoxo em relação a esses sentimentos. O sofrimento, relacionado às condições de trabalho, e o prazer, pela produção de conhecimento, reconhecimento e liberdade (Amaral et al., 2017).

O trabalho do professor e do enfermeiro é permeado por um conjunto de fatores desfavoráveis como condições de trabalho inadequadas, remuneração insuficiente, dificuldades de relacionamento com os estudantes e elevada carga de trabalho. Essas condições se expressam através de adoecimentos físicos e mentais (Silva & Pinheiro, 2017). O sofrimento dos docentes, como efeito negativo da atividade, é evidenciado por meio de um conjunto de sinais físicos e psicológicos, como o estresse, ansiedade, depressão e fadiga (Tostes et al., 2018).

De acordo com Prado et al. (2017) as profissões que apresentam uma relação estreita com o público, em períodos extensos e com pequenas pausas de recuperação, estão mais predispostas ao esgotamento, como é o caso dos professores e também de profissionais de saúde, visto que as instituições de saúde são ambientes particularmente estressantes (Ferreira & Ferreira, 2014).



O trabalho em saúde possui características específicas que podem levar o trabalhador a situações desgastantes (Urbanetto et al., 2013). A elevada carga horária, que pode estar associada à baixa remuneração, o trabalho em mais de um estabelecimento e vínculos por contrato temporário podem causar o sofrimento mental dos profissionais de saúde (Fernandes et al., 2018). Dentre estes, a enfermagem é registrada como uma das mais afetadas por doenças laborais, incluindo o enfermeiro docente (Tavares et al., 2014).

No contexto da enfermagem, essa profissão está exposta a riscos biológicos, físicos, químicos, ergonômicos e psicossociais. Dentre estes destaca-se o psicossocial, prejudicial à saúde mental e física, gerado por mecanismos psicológicos e sociais (Pinhatti et al., 2018).

O processo de trabalho da enfermagem tem particularidades diante da forma como é organizado e desenvolvido, impondo aos trabalhadores cargas de trabalho específicas, progressivas e cumulativas e que repercutem em sua saúde física e mental. Tem como objeto de trabalho o ser humano e é executado por meio de conhecimentos, materiais e equipamentos com o objetivo de promover, manter e/ou recuperar a saúde dos usuários (Secco et al., 2009).

A enfermagem é considerada uma profissão carregada de fortes emoções pela natureza do seu trabalho. Por isso, os enfermeiros estão expostos em sua atividade laboral diária a vários fatores que contribuem para o sofrimento mental, alguns relacionados à própria profissão e outros relacionados às organizações de trabalho, como a rotina, supervisão controladora, falta de autonomia e conflitos de autoridade (Ferreira & Ferreira, 2014), causando adaptações que geram desgaste (Mininel et al., 2011).

No desempenho de suas atividades, o profissional de enfermagem atua como educador e prestador de cuidados, necessitando de habilidades de comunicação e interpretação de emoções dos que estão sob seu cuidado. Por isso, a atuação profissional do trabalhador de enfermagem o coloca diante de situações de vulnerabilidade (Montfort, 2010).

Diante disso, Tavares (2010) indicou que é importante avaliar as repercussões do sofrimento mental do enfermeiro docente. Assim como o estudo de Tavares et al. (2014) que observou que o reflexo das condições laborais de professores enfermeiros é pouco avaliado, principalmente no ensino superior, por isso indicou que é premente investigar a saúde psíquica desse público, já que o enfermeiro docente está exposto a elevadas exigências no trabalho para atender as necessidades pertinentes a essa atividade.

Souza e Leite (2011) afirmam que dentre as análises sobre o trabalho do professor, predominam os estudos ergonômicos. Para eles, as condições de trabalho são marcadas pela autopercepção dos professores, e ainda que, poucos estudos demonstram o reflexo da organização e a gestão do trabalho na saúde dos professores. Por isso, buscando entender as condições de vida dos trabalhadores, o tema das condições de trabalho e suas implicações para a saúde e



qualidade de vida permanece como objeto de estudo, tendo como base a teoria da psicodinâmica do trabalho.

Nesse sentido, este estudo objetiva apresentar uma análise ampliada dos achados de revisão no cenário da literatura nacional acerca do sofrimento mental em docentes de ensino superior em enfermagem, ancorada na teoria da psicodinâmica do trabalho e reflexões teóricas inseridas no diálogo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MÉTODO

Trata-se de um estudo teórico de revisão sistemática com abordagem qualitativa sobre o sofrimento mental em docentes de ensino superior em enfermagem, para obtenção de conhecimentos produzidos na área de forma organizada e sintética e que possibilitasse o acesso à diversidade de estudos relevantes no espaço de tempo apresentado.

Para Donato et al. (2019) a revisão sistemática é estimada como evidência de alta qualidade e apresenta diversas vantagens em relação à tradicional. Para isso, identificou-se todos os documentos relevantes publicados e extraiu-se os dados com sintetização dos resultados.

246

Visando sintetizar as informações disponíveis sobre o tema especificado, realizou-se uma pesquisa objetiva nas bases de dados reconhecidas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT) e Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), através dos descritores sofrimento mental, docência e educação em enfermagem, de dezembro de 2018 a fevereiro de 2020, visando identificar o máximo possível de estudos, obtendo o resultado de 94 artigos científicos, com posterior coleta, síntese e interpretação dos dados.

A seleção final dos artigos foi realizada por meio da leitura do título e resumo, com exclusão dos arquivos porventura duplicados, respeitando os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, priorizando os artigos mais recentes (últimos cinco anos) e as obras relevantes sobre a temática. Os critérios de inclusão foram: artigos completos, disponibilizados online, no idioma português e apresentação consistente dos resultados encontrados. Os artigos que somente estivessem disponíveis por meio de resumo foram excluídos.

Desta forma, foram selecionados 40 artigos para esta revisão de literatura, que posteriormente foram lidos, analisados e sistematizados em categorias que apresentassem similaridade de conteúdo, a fim de oferecer uma discussão dos resultados que permitisse uma abordagem linear do assunto.



2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura dos textos selecionados, organizou-se as categorias de análise em quatro eixos de discussão: o trabalho docente, o delineamento do trabalho do enfermeiro, o enfermeiro docente e o mundo do trabalho a partir da psicodinâmica.

O trabalho docente

As relações interpessoais e as exigências de sua atividade podem submeter os docentes ao sofrimento mental (Corral-Mulato et al., 2010). O intenso sofrimento docente tem como fatores responsáveis o desrespeito dos discentes (como agressividade e indisciplina), baixos salários, carga de trabalho exaustiva, turmas numerosas e pressão por produtividade (Tostes et al., 2018). Não por acaso, a crescente pressão e controle sobre o docente de ensino superior denota em desgaste físico e psicológico (Bernardo, 2014 como citado em Pomar, 2010).

O professor constitui uma das categorias profissionais mais sujeitas a apresentar sofrimento mental. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) é a segunda a apresentar doenças ocupacionais. A precariedade das condições de trabalho tem trazido prejuízos à saúde dos professores e o sofrimento mental como uma das formas mais prevalentes desse adoecimento (Tostes et al., 2018).

Souza e Leite (2011) citam uma importante contribuição advinda da área da educação, em que Esteve (1999) apresenta um marco na discussão das condições do trabalho docente diante das dificuldades que afetam o trabalho dos professores ao criar o termo “mal-estar docente”. De acordo com ele, esta é uma expressão empregada para descrever os efeitos negativos intensos (como angústia, ansiedade, exaustão emocional, frieza, insensibilidade e conduta desumanizada) que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exercem a docência, como citam Pereira et al. (2015) em seu estudo, e que desencadeiam questionamentos no professor sobre sua escolha profissional e o sentido desta.

Souza et al. (2016) também trouxeram em seu estudo teórico as contribuições de Esteve (1999), quando colocaram que o mal-estar docente é efeito da falta de apoio da sociedade aos professores, tanto quanto os objetivos de ensino como das recompensas materiais e reconhecimento do status atribuído.

O autor citado classifica as causas do mal-estar docente em fatores primários, que atuam diretamente sobre a atuação do professor e gera tensões e sentimentos negativos, e fatores secundários, que tratam das condições de trabalho e agem indiretamente sobre a sua imagem. Essa situação resulta em um ciclo degenerativo de eficácia docente.



O trabalho do enfermeiro

A profissão da enfermagem surgiu junto à evolução das práticas de saúde, que inicialmente era realizada de forma instintiva como caridade. A primeira escola de formação profissional de enfermagem foi criada em 1860 por Florence Nightingale, que propôs uma prática sistematizada ao romper com uma prática caritativa (Montfort, 2010).

As características do trabalho da enfermagem são baseadas em ações interdependentes de outros processos de trabalho em saúde, alicerçadas em relações interpessoais, tanto com trabalhadores como com usuários (Urbanetto et al., 2013).

Os enfermeiros com formação universitária são habilitados a ocupar cargos assistenciais, administrativos e de ensino, e a rotina desses profissionais envolve situações imprevisíveis que podem afetar sua saúde física e mental, daí a importância da qualidade do ambiente de trabalho que preserve a saúde dos profissionais, pois a presença de sintomas de sofrimento mental pode comprometer a qualidade do serviço prestado (Montfort, 2010).

O enfermeiro docente

O profissional enfermeiro emprega em seu processo de trabalho o ensino/aprendizagem, seja em ações acadêmicas ou à equipe de enfermagem, paciente e família; e os efeitos das atividades como docente e enfermeiro podem refletir em sua saúde psíquica (Tavares et al., 2014).

O processo de trabalho do enfermeiro docente possui elementos importantes como a multiplicidade de atividades, as cobranças institucionais, as dificuldades de relacionamento, o perfil do aluno universitário e turmas com elevado número de estudantes, segundo Tavares et al. (2014) e Ferreira et al. (2009).

O estudo de Silvério et al. (2010), ao analisar situações de insatisfação e desconforto, sugeriu que muitos docentes têm potencial para desenvolver o sofrimento mental, principalmente os professores de enfermagem. Tanto pela carga-horária em processos de ensino-aprendizagem como quando desenvolve o papel de cuidador enquanto ensina.

As exigências com as atividades acadêmico-científicas geram descontentamento e podem contribuir para o sofrimento mental docente, trazendo consequências físicas e mentais (Corral-Mulato et al., 2010).

Corral-Mulato et al. (2010) trouxeram ainda em seu estudo o excesso de trabalho como um indicador desfavorável relativo ao trabalho docente em enfermagem, com consequente falta de tempo para descanso, diversão e estar com seus familiares. Isso se deve, conforme indica Tavares et al. (2014), entre outros motivos, à produção do trabalho docente, entre aulas, orientações, projetos e pesquisas que podem levar à insatisfação e até mesmo a adoecer o trabalhador.



O mundo do trabalho a partir da psicodinâmica

O sentido do trabalho alterou-se desde os primórdios da humanidade. Antes, era considerado uma atividade depreciável, relacionada ao sofrimento. Com a modernidade, é visto como fonte de realização pessoal e social (Freire, 2014). É através das realizações de suas capacidades e habilidades no trabalho que o sujeito adquire estima social (Freire, 2014 conforme citado em Bassani, 2010), mas ele também pode desencadear processos psicopatológicos, que influenciam diretamente a subjetividade humana (Freire, 2014 conforme citado em Marcondes, 2008).

Por isso, a perspectiva adotada como eixo central deste estudo, coloca o trabalho como constituinte da construção da saúde dos sujeitos, em conformidade com a abordagem da psicodinâmica do trabalho, uma das teorias apresentadas a seguir.

A discussão sobre as condições de trabalho intensificou-se na virada do século XIX e XX, mas foi somente no final dos anos de 1960 que o movimento operário passou a admoestar as condições de trabalho, nas quais a saúde esteve no cerne das reivindicações. A partir desse período, de intensas modificações no mundo do trabalho, surgiu na França a psicopatologia do trabalho, estudada por Christophe Dejours, considerada um marco importante para esse tipo de estudo (Souza & Leite, 2011).

Alguns princípios embasaram essa nova escola que passou a orientar os estudos sobre o tema, dentre eles: o estudo sobre as condições de trabalho deve considerar a organização do processo de trabalho e os diferentes tipos de sofrimento físico e psíquico impostos aos trabalhadores, a análise das doenças profissionais deve considerar o processo saúde-doença e não estes como opostos e que o sofrimento possui uma dimensão dinâmica, que tanto pode criar melhores condições para perseverar em sua saúde, como pode, em condições desfavoráveis, ser explorado pela organização a favor da produtividade, provocando ainda mais sofrimento (Souza & Leite, 2011).

A psicopatologia do trabalho investiga a conexão causal entre as organizações, as condições de trabalho e o sofrimento mental, e ao estudar as situações de trabalho que desestabilizam psicologicamente os indivíduos, encontrou, na verdade, o que denominou de “estranho silêncio”, um estado de normalidade, uma conquista entre as exigências do trabalho e a ameaça da desestabilização psíquica. Para o autor, o sofrimento não se revela devido às estratégias de defesa que os sujeitos buscam para se proteger (Vieira, 2014).

Para ele o sofrimento é intrínseco ao trabalho, mas este surgiria então com o desequilíbrio, quando o trabalhador não é capaz de adaptar-se às atividades e demandas impostas pela organização de trabalho e não as supera transformando-o em prazer, bloqueando as possibilidades de expressão (Vieira, 2014). Por isso, para a psicologia do trabalho a patologia é um termo que



designa uma descompensação psicopatológica, uma ruptura do equilíbrio psíquico e que se manifesta em uma doença mental (Dejours, 2006).

Ferreira et al. (2009) afirmam que a psicopatologia do trabalho ampara a normalidade como o equilíbrio psíquico entre o trabalho desestabilizante e as defesas psíquicas e que este é resultado de uma regulação que requer estratégias defensivas elaboradas pelos trabalhadores.

Já a teoria da psicodinâmica do trabalho foi desenvolvida nos anos 1990 pelo mesmo autor, fundamentada sobre a análise dos trabalhadores em suas atividades, podendo ser definida como o estudo das relações dinâmicas entre as organizações de trabalho e a subjetividade. Tendo de um lado a divisão de tarefas e de outro as relações de poder que os trabalhadores estabelecem (Amaral et al., 2017 como citado em Dejours, 1996), Dejours (2004) afirma que a psicodinâmica do trabalho é uma disciplina clínica e teórica que busca conhecer a relação entre trabalho e saúde mental.

Segundo Bouyer (2010) o trabalho moderno impõe problemas à formação da identidade e é o mediador central dessa formação na vida adulta, por isso destaca os elementos centrais da psicodinâmica do trabalho que permitem compreender as relações entre saúde mental e trabalho contemporâneo: o reconhecimento, a identidade, o compromisso entre sofrimento e defesa, a sublimação, a racionalidade prática e a alienação social.

Diversas vezes o trabalho real se distancia do trabalho prescrito, o que gera frustração e sofrimento para os trabalhadores que não desenvolvem suas atividades como gostariam. Por outro lado, pode encontrar espaço para a realização de seus desejos (Mendes, 2007).

A psicodinâmica do trabalho atesta a existência de patologias sociais relacionadas ao trabalho. Dentre elas a sobrecarga que, conduzida pela ideia da excelência, faz os trabalhadores se submeterem a processos que superam suas condições físico-psíquicas, transformando o sofrimento em produtividade (Amaral et al., 2017 como citado em Mendes, 2007).

Para Dejours, trabalho é aquilo que o sujeito acrescenta ao que é predeterminado para alcançar os objetivos denominados pela organização de trabalho, podendo ser entendido também como sofrimento, regulação do psiquismo, mas sem implicar necessariamente em doença. O autor subdivide ainda o sofrimento em dois tipos, quando relacionados à organização de trabalho, o criativo, que permite uma melhor defesa, e o patogênico, que acontece quando não há mais liberdade para transformar ou aperfeiçoar a organização de trabalho, gerando desgaste, frustração, impotência e adoecimento (Amaral et al., 2017).

A referência teórica da psicodinâmica do trabalho considera ainda os seguintes fatores: organização do trabalho, trabalho real e prescrito, carga de trabalho, vivências de sofrimento, vivências de prazer, estratégias de mobilização coletiva, estratégias defensivas (individuais e coletivas) e estratégias criativas.

Para a psicodinâmica do trabalho as vivências de prazer-sofrimento são consideradas como coexistentes entre si, com preponderância de uma sobre a outra (Bahia, 2014).



Dejours (1992) analisa o trabalho como elemento estruturante dos efeitos negativos ou positivos sobre o funcionamento psíquico e a vida mental do trabalhador. Para ele, o trabalho tem vários elementos que influenciam a formação da autoimagem do trabalhador e que são razões para o sofrimento.

O sofrimento é abordado de diferentes formas na literatura, para o autor ele está entre a doença mental e o bem-estar psíquico, e pode ter significado positivo ou negativo, sujeito às estratégias utilizadas para conduzir a vivência. É entendido pela vivência de experiências dolorosas, como angústia, medo e insegurança e originado de conflitos e contradições, mas o sofrimento pode ser ressignificado e surgir as vivências de prazer no trabalho (Câmara & Faria, 2009).

Em 1994, Dejours concluiu que o prazer ocorre quando há liberdade psíquica, independente do trabalho realizado. O trabalho pode ser acompanhado de enorme prazer, a depender da possibilidade de escolha do indivíduo para empregar seu potencial criativo na realização de suas atividades (Câmara & Faria, 2009).

Para Ferreira e Mendes (2003), o prazer é uma vivência, individual ou compartilhada, de gratificação derivada da satisfação, desejos e necessidades do trabalhador. Origina-se do bem que o trabalho causa no corpo, na mente e nas relações com as pessoas, manifesta-se por meio da realização e valorização do trabalho e possibilita a estruturação psíquica em função da subjetividade no trabalho. Dessa forma, as condições e relações sociais de trabalho podem possibilitar uma ressignificação do sofrimento, transformando o contexto de trabalho em fonte de prazer.

251

Os determinantes das vivências de prazer e sofrimento na organização de trabalho são entendidos, pela psicodinâmica do trabalho, como a realização profissional, a liberdade de expressão, o esgotamento profissional e a falta de reconhecimento (Mendes, 2007).

Portanto, os sentimentos de sofrimento e prazer experienciados pelo indivíduo são determinados pela liberdade e flexibilidade na organização do trabalho (Câmara & Faria, 2009).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da relação entre saúde mental e trabalho se estabelece como foco de investigação no campo da saúde do trabalhador. As produções teóricas são expressivas sobre esse objeto, pois abordam as vivências do trabalho e sua origem com base no âmbito da saúde coletiva (Freire, 2014).

Esses estudos evidenciam que profissionais envolvidos em atividades com contato direto com o público, como os profissionais de saúde, nesse caso enfermeiros, e da educação, são mais vulneráveis ao adoecimento ocupacional, ainda mais ao acumular as duas funções.



A manifestação do sofrimento mental em docentes de enfermagem é consequência da interação dos processos psicológicos e mentais relacionados à sua função, por isso desenvolvem-se como uma categoria especialmente exposta aos riscos psicossociais.

O contexto ocupacional e da organização desequilibram as expectativas individuais do profissional e a realidade do trabalho. Entre elas destaca-se a relação com os alunos, baixo nível de motivação, tipo de jornada de trabalho, sobrecarga de atividades, sistema de horários, nível de envolvimento com os alunos, inadequação entre formação e desenvolvimento profissional e baixa remuneração salarial.

Estas trazem aos docentes um desafio pessoal, ao responder às novas expectativas projetadas, o que ocasiona o sofrimento mental, afeta diretamente o ambiente de ensino e interfere nos objetivos pedagógicos.

O sofrimento mental pode ocasionar conflitos sociais, familiares e problemas de saúde secundários, por isso o docente enfermeiro deve dispor de tempo para o lazer, para que esteja menos vulnerável ao sofrimento, visto que o lazer promove uma sensação de satisfação e bem estar ao propiciar descanso e divertimento e agir como fator positivo para o desenvolvimento pessoal e social.

Portanto, torna-se necessário o aprofundamento de pesquisas sobre o sofrimento mental do docente enfermeiro, como proposto por esse estudo, a fim de auxiliar na compreensão e esclarecimento dos problemas enfrentados por essas atividades profissionais. Pois, ao aprimorar a apreensão desse processo, haverá condições de planejar e implementar ações de prevenção e intervenção nos ambientes de trabalho para a busca de soluções adequadas, visando a saúde mental desses trabalhadores.

252

4 REFERÊNCIAS

- Albuquerque et al. (2018). *Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná*. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 16 n. 3, p. 1.287-1.300. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00145>
- Amaral G., Borges A., Juiz A. (2017). *Organização do trabalho, prazer e sofrimento de docentes públicos federais*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 20, n. 1, p.15-28 – DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v20i1p15-28.
- Bahia (2019). *Transtornos Mentais Relacionados ao Trabalho no Brasil, 2006–2017*. Centro Colaborador da Vigilância dos Agravos à Saúde do Trabalhador. Programa Integrado em Saúde Ambiental e do Trabalhador. Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. Boletim epidemiológico, edição nº3, ano IX. Disponível em: http://www.oecd.org/els/emp/Flyer_MHW%20Council%20Recommendation.pdf.
- Bahia (2014). *Protocolo de atenção à saúde mental e trabalho*. Secretaria da Saúde do Estado. Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde. Diretoria de Vigilância e Atenção à Saúde



do Trabalhador. Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador. DIVAST. 60 p: il. (Caderno de Saúde do Trabalhador. Série Vigilância da Saúde do Trabalhador).

Bernardo, M. (2014). *Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes*. Psicologia & Sociedade, 26(n. spe.), 129-139.

Bouyer, G. (2010). *Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador"*. Rev. bras. Saúde ocup., São Paulo, 35 (122): 249-259.

Câmara R., Faria M. (2009). *Análise Comparativa entre Pesquisadores e Profissionais de Suporte à Pesquisa na Embrapa: o Enfoque da Psicodinâmica e da Ergonomia da Atividade*. rPOT, Volume 9, número 1, Janeiro-junho, p. 29-50.

Corral-Mulato S., Bueno S., Franco D. (2010). *Docência em Enfermagem: insatisfações e indicadores desfavoráveis*. Acta Paul Enferm 2010;23(6):769-74.

Dejours C. (2006). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Dejours C. (2004) *Subjetividade, trabalho e ação*. Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez.

Dejours C (1994). *A Carga Psíquica do Trabalho*. Em Betiol, M.L.S. (Coord.). Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho (pp.21-32). São Paulo: Atlas.

Dejours C (1992). *A loucura no trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5ª ed). São Paulo: Cortez; Oboré.

Donato H., et al. *Etapas na condução de uma revisão sistemática*, Acta Med Port 2019 Mar;32(3):227-235.

Esteve, J. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e saúde dos professores*. Bauru: Edusc.

Fernandes M., Soares M., Silva J. (2018). *Transtornos mentais associados ao trabalho em profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa brasileira*. Rev Bras Med Trab. 2018;16(2):218-24. DOI: 10.5327/Z1679443520180228

Ferreira E., Fernandes M., Prado C., Baptista P., Freitas G., Bonini B. (2009). *Prazer e sofrimento no processo de trabalho do enfermeiro docente*. Rev Esc Enferm USP; 43 (Esp 2):1292-6.

Ferreira E., Fernandes M., Prado C., Baptista P., Freitas G., Bonini B. (2009). *Prazer e sofrimento no processo de trabalho do enfermeiro docente*. Rev Esc Enferm USP; 43 (Esp 2):1292-6.

Ferreira, M.; Mendes, A. (2003). *Trabalho e Riscos de Adoecimento: o caso dos Auditores-Fiscais da Previdência Social Brasileira*. Brasília: Ler, Pensar e Agir.

Freire L. (2014). *As vivências de sofrimento de docentes do Tocantins: pistas para ações de vigilância em saúde do trabalhador*. Estud. pesquis. psicol. (Impr.); 13(1): 7-26, jan.-abr.

Jacinto, A., Tolfo S. (2017). *Fatores psicossociais de risco no trabalho e Transtorno Mental Comum: uma revisão sistemática de estudos que utilizaram os instrumentos JCQ, JSS e SRQ-20*.



Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 9, n. 2, p. 107-124, Jul.-Dez., 2017 - ISSN 2175-5027. DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i2.1432>

Mendes A. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mininel V., Baptista P., Felli V. (2011). *Cargas psíquicas e processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários brasileiros*. Rev. Latino-Am. Enfermagem Artigo Original 19(2):[09 telas] mar-abr.

Montfort R. (2010). *Ansiedade e depressão em profissionais de enfermagem e sua relação com o reconhecimento das expressões faciais*. João Pessoa: [s. n.]

Pereira T., Aguiar A., Costa S. (2015). *Mal-Estar Docente: reflexões sobre os desconfortos presentes no desempenho da profissão*. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 8, n. 2, jul./dez.

Pinhatti E., Ribeiro R., Soares M., Martin J., Lacerda M. (2018). *Distúrbios psíquicos menores na enfermagem: prevalência e fatores associados*. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(suppl 5):2305-12. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0028>

Prado R., Bastianini M., Cavalleri M., Ribeiro S., Pizi E., Marsicano J. (2017). *Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários*. Revista da ABENO 17(3):21-29.

Secco I., Robazzi M., Souza F., Shimizu D. (2009). *Cargas psíquicas de trabalho e desgaste dos trabalhadores de Enfermagem de hospital de ensino do Paraná, Brasil*.

Silva, N.; Pinheiro, D. (2017). *Agruras no trabalho do professor*. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 25, n. 4, p. 713-721. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO0928>

Silvério M., Patrício Z., Brodbeck I., Grosseman S. (2010). *O ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente*. Revista Brasileira de Educação Médica, 34 (1): 65 – 73.

Souza, A., Leite M. (2011). *Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil*. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

Souza I. R., Santos M., Almeida I. (2016). *Mal-estar docente: a saúde do professor nos dias atuais*. Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 2.

Tavares J., Magnago T., Beck C., Silva R., Prestes F., Lautert L. (2014). *Prevalência de distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes*. Esc Anna Nery 2014;18(3):407-414

Tavares J. (2010). *Distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes*. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, RS.

Tostes M., Albuquerque G., Silva M., Petterle R. (2018). *Sofrimento mental de professores do ensino público*. Saúde Debate | Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99. DOI: 10.1590/0103-1104201811607

Urbanetto J., Magalhães M., Maciel V., Sant'Anna V., Gustavo A., Poli-de Figueiredo C., Magnago T. (2013). *Estresse no trabalho segundo o Modelo Demanda-Control e distúrbios psíquicos*



menores em trabalhadores de enfermagem. Rev Esc Enferm USP 2013; 47(3):1186-93. DOI: 10.1590/S0080-623420130000500024

Vieira, S. (2014). *Sofrimento psíquico e trabalho.* Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 17(1), 114-124, mar.